

PESQUISA EM ARTES PARA INCOMODAR O INCOMODANTE, PARASITANDO PARASITAS

ARTS RESEARCH TO BOTHER THOSE WHO BOTHER, PARASITIZING PARASITES

Gleydson Silva Moreira / UFRJ

Maria Luiza Pinheiro Guimarães Fragoso / UFRJ

RESUMO

Ensaio de natureza acadêmica, escrito em primeira pessoa, entre e sobre a ação Paraíba de Sorte. A intenção é refletir a proposta da pesquisa em artes como uma forma de causar incômodo a quem incomoda, aproximando-se do conceito de parasita para provocar reflexões sobre posições sociais de opressores e oprimidos. O pensamento é articulado em torno da necessidade de ação, criação e reflexão imposta pelo contato com a xenofobia no Rio de Janeiro, empoderada pela atual conjuntura política do país, a partir de autores como Beatriz de Medeiros, Jacques Derrida e Ailton Krenak. Estabeleço como objetivo a reação ao que assusta, buscando a reflexão e diálogo com o que não entendo ou me oprime.

PALAVRAS-CHAVE

Paraíba de sorte; Xenofobia; Parasitar o parasita; Performance; Raspadinha.

ABSTRACT

Essay of an academic nature, written in first person, between and about the Paraíba de Sorte action. The intention is to reflect the research proposal in the arts as a way of causing discomfort to those who bother, approaching the concept of parasite to provoke reflections on the social positions of oppressors and oppressed. The thought is articulated around the need for action, creation and reflection imposed by contact with xenophobia in Rio de Janeiro, empowered by the current political situation in the country, dialoguing with authors such as Beatriz de Medeiros, Jacques Derrida and Ailton Krenak. I set as a goal the reaction to what scares, seeking reflection and dialogue with what I do not understand or oppress me.

KEYWORDS

Paraíba de sorte; *Xenophobia*; Parasite the parasite; Performance; Winning scratch card.

Haustório

Gosto de pensar meus processos artísticos como desvios que incomodam ou respondem as injustiças sociais ou traumas. Busco contribuir de forma direta com pequenas mudanças na minha forma de viver e na de pessoas próximas. Faço isso para questionar lógicas do neoliberalismo — doutrina socioeconômica que propõe diminuição do estado e de suas intervenções — e intolerâncias como a desigualdade social e a repulsa aos estrangeiros ou pessoas de outras regiões, xenofobia.

Atravesso essas violências, estabelecidas na sociedade brasileira, com pequenas ações artísticas (micropolíticas) para expor o caráter abstrato de normas e suas normatizações, redigidas pelos donos dos meios de produção. Pregam a defesa de um estado mínimo para as pessoas e máximo na proteção de patrimônios privados. Essa é uma tentativa dos empresários de determinar uma narrativa hegemônica, a partir de suas demandas, responsabilizando os pobres pela falta de acesso a condições dignas de alimentação, educação, segurança, saúde e habitação. Criam e espalham inverdades como a suposta meritocracia, sistema de privilégios relacionados aos méritos, e supervalorização de profissões em detrimento de outras. Qual cidade funcionaria bem sem os profissionais da limpeza, por exemplo? Por que seus salários são tão distantes de profissionais de outras áreas tão importantes quanto? Nossa sociedade é estabelecida de forma a manter os privilégios de quem tem e dificultar ascensão social. Isso fica claro, por exemplo, nas disposições que regulamentam a atividade de arrecadação de tributos que incidem sobre o consumo. Esse imposto onera de forma desigual as pessoas, pesa muito mais para um pobre alimentar sua família do que para os ricos.

A arte neste trabalho também se vincula a possibilidade de evidenciar esses abusos normalizados como razão ou caminho correto. (KRENAK, 2019) Por exemplo, os seres humanos fazem parte do ecossistema, apesar de agirem como proprietários deste. “A ideia de nós, os humanos, nos descolarmos da terra, vivendo numa abstração civilizatória, é absurda.” (KRENAK, 2019, p. 12) Nos separar uns dos outros e os seres humanos da fauna e flora não deu certo para o planeta. Falo isso com base na percepção de degradação dos ecossistemas de várias regiões. O aquecimento global e o Covid-19 parecem, a princípio, sintomas das doenças impostas ao planeta pelo modo de vida com base no consumo desenfreado. A humanidade instaurou modos de se separar do ecossistema para poder se servir

dele e isso proporcionou a tomada e exploração deles e das pessoas socialmente mais vulneráveis. (KRENAK, 2019)

O projeto de civilização implementado, pela maximização de lucros e diminuição de custos pela lógica capitalista, “suprime a diversidade, nega a pluralidade das formas de vida, de existência e de hábitos. Oferece o mesmo cardápio, o mesmo figurino e, se possível, a mesma língua para todo mundo.” (KRENAK, 2019, p. 12) No lugar de exterminar, seguindo o ritmo do consumismo, proponho o estímulo a experiência complexa, sem eliminar ou unificar a pluralidade das ofertas. A comodidade para as empresas nos custa um preço alto de empobrecimento da experiência humana, quando ela fica reduzida as roupas das coleções, as línguas das grandes corporações, aos menus dos grandes chefes de cozinha ou aos cheiros dos perfumes.

A xenofobia também é produto dessa tentativa de suprimir a diversidade e negar a pluralidade. O xenófobo tenta causar constrangimento para outras culturas em uma tentativa de impedir ou destruir os vínculos da vítima com sua identidade cultural, seguindo a lógica do confronto ele trata o diferente como alguém inferior. Tentativa de apagamento para implementar a dominação. Quem está em busca de transformações, para sociedade ser mais justa e se relacionar de forma respeitosa com os ecossistemas, pode tornar insustentável a posição da minoria que concentra a maior parte da renda do país, os maiores responsáveis pela insustentabilidade ambiental e social. É para e por isso a minha produção como artista e pesquisador, encontrando formas simples de propor complexidade. Pautado pela reação ao que me assusta, não me furto a reflexão e diálogo com o que não entendo ou me oprime.

Parasitagização

Evidencio e me assumo parasita para explorar possibilidades diante das experiências vividas com intolerância no Rio de Janeiro. Assumo o papel de apropriador, escrevo, pesquiso e crio para parasitar, buscando a beleza e força da “parasitagização”. A palavra é a amotinação dos verbos parasitar (nutrir-se à custa de outro) e gizar (definir conjunto de ações ou intenções) e do sufixo “ção”, denota tanto o “processo como o resultado da ação” (OLIVEIRA, 2007, p. 92). Assumida a apropriação, munindo-se do necessário, junto com a consciência ou do ímpeto de ações e intenções, aglutina-se processo e resultado em ações agentivas (exprimem o agente).

Pesquisei um pouco sobre a diversidade de plantas parasitas no texto de Bianca Brasil (2011, p. 03), “sua diversidade é de aproximadamente 4500 espécies, que incluem desde árvores e arbustos, até ervas anuais e perenes”. Assumido parasita,

cabe agora os entendimentos e reflexões da prática assumida e performada. Recorro a autora para avançar nesse entendimento, segundo BRASIL (2011, p. 03), “se caracterizam por possuir uma estrutura, o haustório, que funciona como uma ponte através da qual retiram parte ou toda sua nutrição diretamente dos seus hospedeiros.” Sublinho o trecho referente a retirar parte ou toda nutrição, parece-me fundamental no raciocínio em elaboração. Assumo a parasitagem para fazer ou se ver diferente, invocando parasitagização.

Decidi fazer associações a partir da abordagem teórica da autora, experimentando com as palavras e seus sentidos. Entendo que já passou da hora de rebater o entendimento popular de que “os incomodados que se mudem”. Os incomodados podem incomodar também. Em seu texto BRASIL (2011, p. 04) mostra também que “podemos classificar as parasitas também de acordo com seu nível de dependência nutricional, dividindo-as em dois grandes grupos: hemiparasitas e holoparasitas.” Mas, inventando palavras, o mais importante para este texto são outras duas espécies: **justiçaceae sociales** e **esmolaceae capciososles**.

A autora explica que “as hemiparasitas são clorofiladas e capazes de realizar fotossíntese em pelo menos alguma parte do seu ciclo de vida”. (BRASIL, 2011, p. 04) Para fins irônicos e artísticos, elas equivalem a **justiçaceae sociales** — nutridas pela divisão de privilégios, compartilhando parte das necessidades “nutricionais”. Retirar para compartilhar e não para ressequir, esse é um dos princípios da parasitagização. Simbolizada pela espécie inventada **justiçaceae sociales**.

Em oposição a essa parcial dependência, como aponta Bianca Brasil, estão as holoparasitas, “dependem inteiramente de recursos retirados do xilema e floema hospedeiros.” (BRASIL, 2011, p. 05) Nesse paralelo inventado, essas seriam as parasitas da monocultura de veneno. Monocultura é um sistema de exploração baseado em produtos únicos e veneno é algo capaz de afetar as funções vitais de um ser, podendo causar até a morte. Monocultura de veneno é um sistema produtor de destruição e morte em prol da abstração civilizatória. Para nós, elas equivalem a **esmolaceae capciososles**, outra espécie inventada para ilustrar o pensamento. Elas geram riquezas gerando miséria. A holoparasita, segundo BRASIL (2011, p. 05), possui “a mais extrema manifestação do parasitismo, uma vez que implica em adaptações morfo-fisiológicas extremas, tais como redução do corpo vegetativo, perda de cloroplastos e consequente ausência de capacidade fotossintética.” Assim como a **esmolaceae capciososles**, adaptada para usurpar a vida dos parasitados. Em sua equivalente, para esta elaboração irônica, a autora aponta sua transformação, evoluindo em sua atuação como parasita. Para BRASIL (2011, p. 05), “as folhas (aqui desnecessárias) estão reduzidas a pequenas escamas

amareladas, modificadas na forma de brácteas, ou desapareceram por completo.” A **esmolaceae capciososles** segue caminhos similares, dispensando em boa parte obstáculos como empatia e direitos trabalhistas.

Parasitar pode ser um caminho para seguir criando mundos enquanto anunciam e decretam o fim do mundo. Isso me faz lembrar da explicação de Ailton Krenak (2019, p. 27) de que essas pessoas, chamo de Parasitas da monocultura de veneno ou **esmolaceae capciososles**, “pregam o fim do mundo como uma possibilidade de fazer a gente desistir dos nossos próprios sonhos.” Abandonar nossos próprios sonhos equivale a desistir da busca de formas de viver diferente da proposta pelo capitalismo, extraindo e explorando as plantas, os animais e as pessoas mais vulneráveis ao sistema. Se desistirmos, as grandes corporações empresariais assumem de forma definitiva os ecossistemas, instaurando uma forma padronizada de vida. A provocação de KRENAK (2019, p. 27) “sobre adiar o fim do mundo é exatamente sempre poder contar mais uma história. Se pudermos fazer isso, estaremos adiando o fim.” Contar mais uma história é seguir buscando experiências e propondo o diálogo para passar esses saberes para outros, dividindo a responsabilidade sobre saberes esmagados pela padronização capitalista.

Beatriz de Medeiros é uma autora que cria esses mundos de existências em resistência a padronização capitalista. Um trecho de seu texto é bem enfático, nesse sentido, ao evocar que entendamos de “uma vez que não há contexto fixo e correto ou apropriado para qualquer palavra e, portanto, nenhuma normalidade, há sempre parasitas e a possibilidade de insucesso”. (MEDEIROS, 2017, p. 39-40) Não só as palavras, tomo a ousadia de estender o sentido da elaboração, as existências em geral nos demonstram essa impossibilidade de atribuir contextos fixos. Por isso, parasitar também para perturbar certezas e lugares ditos corretos. MEDEIROS (2017, p. 40) segue o raciocínio: “um contexto normal não pode ser determinado. Logo, não há regras para atos de linguagem.” Assim, também não existe um único contexto para a forma das pessoas viverem.

Parasita de parasitas

Proponho o parasita como desestabilizador, algo similar ao evocado por MEDEIROS (2017). Parasitar para fazer composições poéticas com o objetivo de incomodar minimamente atos opressivos como são os atos xenófobos. Isso para mim tem forte relação com dificultar as ausências de sentido, citadas por Ailton Krenak (2019), criadas no nosso tempo pelo modo de vida balizado pelo consumo. Essas ausências seriam a “do sentido de viver em sociedade, do próprio sentido da experiência da vida. Isso gera uma intolerância muito grande com relação a quem ainda é capaz de

experimentar o prazer de estar vivo, de dançar, de cantar.” (KRENAK, 2019, p. 26) Compartilhemos para nos fortalecer, dividindo forças e fraquezas, no intuito de encorajar a comunidade e responder de formas mais efetivas todo o veneno cultivado e pulverizado no Brasil.

Um caminho talvez seria reconhecer privilégios e utilizar eles no combate aos preconceitos e desigualdade social. Em um país com tanta desigualdade como o Brasil, ser artista é muito difícil em termos financeiros principalmente, mas também é um privilégio. Questionar as questões que envolvem a vida e poder dar vazão a curiosidade é algo capaz de proporcionar acúmulo de conhecimento e crescimento individual. Uma dessas vazões, da curiosidade e do privilégio de estudar, me levou até o conceito de parasita de parasitas. Na leitura de BRASIL (2011, p. 06), fica claro que “no ápice da história evolutiva do parasitismo encontramos as plantas parasitas que parasitam outras parasitas”. Como parasitar o parasita? Essa questão pode ser feita por todos os insatisfeitos com os rumos da vida e suas respostas devem ser experimentadas diariamente como contraponto ao modo de exploração e opressão estabelecidos.

Só para esclarecer, não é o intuito ajudar os **esmolaceae capciosos** a parasitar e sim evidenciar a sua fraqueza diante dos parasitados, tentando tornar desconfortável a posição de monocultores de veneno. Para tanto é importante se aproximar de artistas e autores próximos dessas aspirações. Como sugere MEDEIROS (2017, p. 40), “ser instante, singular, imprevisível. Se vestir diferentemente e deixar o policial inscrever na sua multa: ‘roupas em desalinho’. Ser cicatriz, não cicatriz de cirurgia ou tatuagem: cicatriz-acaso.” Marcar o tempo de formas esquecidas ou não pensadas para romper com as marcas do consumo e experimentar a vida de forma individual e coletiva, sem preços ou carga horária.

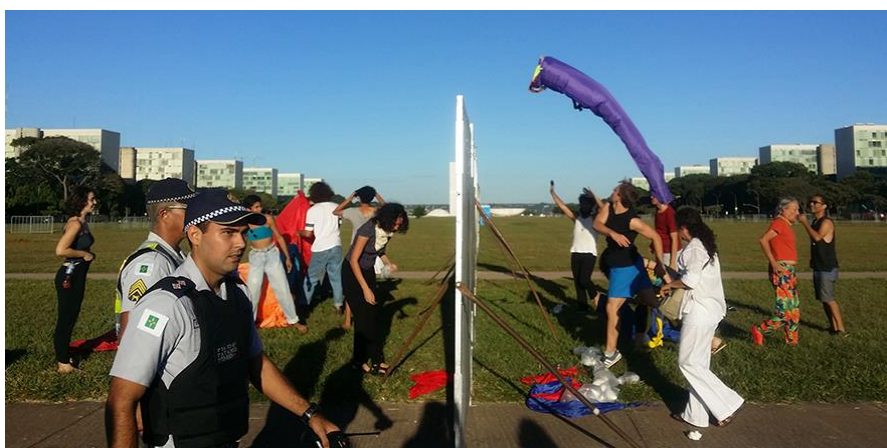


Figura 1. Corpos Informáticos, Vôlei na Esplanada no Dia do Golpe, 2015. Performance. Foto: Mariana Brites.

Antes de conhecer o Corpos Informáticos, eles já haviam lavado minha alma. Durante o período de angústia da construção do golpe contra Dilma, uma partida de vôlei (Figura 1) me fez sorrir e pensar que finalmente alguém tinha “revidado”. A própria MEDEIROS (2017, p. 37), membro e fundadora do Corpos Informáticos, já afirmou que “a ironia e o cinismo podem ser estratégias” para criação artística. A ironia e o cinismo também podem ser estratégias para parasitar parasitas. O “Vôlei na Esplanada no Dia do Golpe”, ação realizada em Brasília no ano de 2015, subverte o espetáculo criado para difundir divisão, gerando violência e pobreza. Determinaram o próprio jogo para escancarar a farsa.

O Golpe escancarou a fragilidade de nossas instituições, a arte escancarou a cena montada em forma de muro pela cobertura e pelos principais beneficiados pelo processo, ou seja, políticos ameaçados por processos, setores do poder judiciário, empresários e interessados em fomentar a narrativa contrária ao Partido dos Trabalhadores. Corpos Informáticos demonstrou com simplicidade a força do que nomeio como parasitagização, foi criado em 1992 na Universidade de Brasília com professores e alunos de vários cursos, é um grupo de pesquisa em arte contemporânea. (CORPOS... 2020) Juntos, parasitam os parasitas, expuseram o ridículo do Golpe e suas estruturas pirotécnicas. RUFATO (2016) é certo: “Se ela cometeu crime de responsabilidade, também o fizeram e deveriam perder o cargo 16 dos 27 atuais governadores, que usaram o mesmo artifício”. Nada disso importa, o suposto crime não importa, pois “do total de parlamentares que a julgaram, 60% são suspeitos ou acusados de crimes”. (RUFFATO, 2016) A Presidenta sem crime foi julgada e condenada por suspeitos ou acusados, beneficiados pela benevolência dos **esmolaceae capciososles**. Junto com Corpos Informáticos, dividir só se for para se divertir, debochando do show criado para o *impeachment* acontecer.

O **pesquisadorceae** e **artistaceae**, espécies de parasita de parasitas, podem incomodar ou evidenciar a presença dos parasitas da monocultura de veneno. **Esmolaceae capciososles** dependem de nós e fazem com que acreditemos no contrário. A arte tem papel estratégico na geração desse incômodo necessário. Desperta consciências, gera fome de alimentos desconhecidos e formas de comer esquecidas ou despercebidas como entendo ao ler os textos de MEDEIROS (2017). “A arte compõe e decompõe: coloca na mesa os pratos e serve um saber inusitado e quente, os garfos ficam de lado, os dedos apressados cavam, cavucam, molham, por vezes enxada, por vezes enceradeiras. Muitas vezes: lance.” (MEDEIROS, 2017, p. 45) Podemos criar obstáculos para violências. Se diminuirmos comportamentos ofensivos como chamar um nordestino de paraíba, por um viés pejorativo, talvez criemos mundos onde essa violência não seja criada. Parasitas de parasitas me lançam esperança da possibilidade de mudanças, menos violência é possível.

Inspirado por MEDEIROS (2017, p. 38), sugiro o estado de pró-nóia para vencer a monotonia da monocultura de veneno, nele alguém está sempre “colaborando com o pronóico, trabalhando por, contribuindo. O pronóico é fuleiro, despreocupado porque não está pré-ocupado e acredita na co-laboração. Este termo também é interessante: ‘co-labora’.” Em algum momento, parasitas irão despedaçar o seu trabalho e ele talvez alimentará a contrarrevolução. Neste momento mesmo, alguém está escrevendo ou pensando algo que fará este texto ter mais força do que sozinho poderia entranhar nele.

Implicante, incomodando o incomodante

Nortista, cabeça grande, cabeça chata, vida boa, paraíba, baiano — essas são algumas das formas depreciativas utilizadas para se referir aos nordestinos. Expressões, disseminadas por xenófobos, parecem fazer parte de um esforço para desligar quem nasce no Nordeste de seu amor pela própria cultura e terra. Crio me relacionando com o entendimento que venho construindo por ser cearense. Chego a um momento de já nem entender tais palavras, quando ditas fora de confrontos, com intencionalidade de ofender. Parece ser um arranjo cultural para violentar o sentido de pertencimento dos outros, ofensas hereditárias.

Essas iniciativas violentas, condensadas nas palavras transformadas em xingamentos, vem sendo transmitidas por tradição aos herdeiros. Pequenas peças da engrenagem da intolerância, esperando por quem as junte e monte um arsenal. Mas a herança existe sempre na dependência de quem a herda pelo seu trabalho de reconduzi-la a sua função ou transformá-la. Esse contexto me faz pensar em um trecho sobre herança de DERRIDA (1994, p. 33): “Uma herança não se junta nunca, ela não é jamais uma consigo mesma. Sua unidade presumida, se existe, não pode consistir senão na *injunção de reafirmar escolhendo*.” Chamar o nordestino por uma palavra pejorativa é escolher pela perpetuação da violência, reafirmando a xenofobia. Tais palavras são patrimônios de preconceituosos, orgulhosos ou não, pois a ausência de consciência da violência do próprio discurso não isenta o autor, mas demonstra a intolerância normatizada.

A percepção da xenofobia começou a me incomodar e me impede de sentir uma certa liberdade para ocupar o Rio de Janeiro. Não consegui tornar aquele lugar cômodo para mim pelos receios aos intolerantes. Pequenas ações como palavras ofensivas e olhares agressivos me oferecem uma cidade hostil. Lidar com essa hostilidade aos poucos me fez refletir sobre pequenas pistas do mecanismo dessa intolerância. Esse mistério passou a frequentar minhas inquietações artísticas. Cabe

ao beneficiário juntar os pedaços e definir o que formará com eles. A herança, em seu caráter sigiloso (cada relação com o herdado pode revelar significados e implicações escondidas) ou não, está sempre em reformulação. A ação de chamar alguém de paraíba esconde o que? Comecei a pensar muito mais em como avançar nas questões do que tentar responder ou revidar. Ser cearense passou a ser uma das motivações para me manifestar artisticamente. Minha escolha, diante do segredo (DERRIDA, 1994) que estou herdando, é lidar com a hostilidade para aprender a desconcertá-la (em si e nos outros) na medida que for. O incômodo revoga parte do sigilo dessa herança e me revela parte do meu espólio, incomodar os incomodantes.

A escrita funciona como gatilho para memórias desagradáveis. Percebo uma pequena coleção de intolerantes. Em uma aula, logo no começo da disciplina, cada pessoa se apresentou e falou um pouco de si. Por puro acaso, estava olhando na direção de uma colega quando falei que era do Ceará. Foi impossível não me ofender ao ver a careta dela. Não é possível deixar de ver o que já foi visto, esse tipo de convivência impõe alguma ação a mim. Segundo DERRIDA (1994, p. 33), “a injunção (escolhe e decide no que herdas, dirá ela sempre) não pode ser uma a não ser dividindo-se, rasgando-se, diferindo de si mesma, falando a cada vez diversas vezes — e com diversas vozes.” Despedaçadas as imposições fragmentam-se na busca de força do discurso, tornam-se hábitos. A xenofobia vai se rasgando, desfigurando-se, são palavras pejorativas, expressões faciais de espanto, inclinação para tirar vantagem e tantas outras violências.

Estava indo para prova de um concurso e resolvi pedir um carro em um aplicativo. O desconforto habitual de quando estou transitando pela cidade foi se transformando em pavor. O motorista seguiu caminhos diferentes da rota, inclusive acelerava próximo de alguma curva ou desvio para seguir reto, e colocava a culpa no sistema de localização. Não sabia se ele queria só me extorquir ou se ele estava construindo algo pior. Estava com medo, muito mesmo. Uma corrida de menos de trinta reais ficou por quarenta e cinco reais. Não sei se a indignação ou alívio, algo me deu força e ainda barganhei. Paguei quarenta.



Figura 2. Gleydson Moreira, da performance Paraíba de Sorte, 2019. Performance. Foto: Mirela Luz do Amarante.

Paraíba de Sorte, a plaquinha de papel em minha mão manifesta a ação (Figura 2). (A ação integrou a programação do XXII Encontro de Pesquisadores do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Escola de Belas Artes-UFRJ.) Em dezembro de 2019 no Museu da República, Rio de Janeiro, abordo cada pessoa desejando um bom dia e perguntando se aceitam uma raspadinha premiada. Assim começo o contato e estendo o braço com uma raspadinha. Sozinho, mas com o sentimento de quanto aquilo incomoda a tantos orgulhosos por serem nordestinos.

Ações revelam caminhos percebidos e despercebidos. A primeira pessoa acusa o peso do prêmio. Ou talvez ela simplesmente não o quisesse. Falou algumas vezes a palavra pesado e se afastou. Ela foi uma das pessoas que o recebeu de forma mais rápida e intensa. Me surpreendo com o número de pessoas se recusando a receber. (Levei quarenta raspadinhas para distribuir e só aproximadamente vinte e seis pessoas aceitaram receber, a ação durou um pouco mais de uma hora.) Elas não perguntam nada, não interessa. MEDEIROS (2017, p. 38) já havia avisado: “A performance, principalmente aquela de rua, busca secreções e contaminações sem temer os contágios.” A recusa foi um caminho não imaginado, pensava estar preparado para diversos diálogos e questionamentos, mas a recusa se amontoou e revelou muito, penso nela como um fechamento a intervenção. Não existe abertura para mudança ou perturbação. Quem ganha com isso? Quem está lucrando hoje, continuará. Todo o direito de não querer, não aceitar, entretanto isso me falou tanto sobre o trabalho quanto o gesto de aceitar.

O universo conspirou a favor da ação e me deixou extasiado. Ela aparece pela entrada do Museu, quase não acredito. A careta dela, ao ouvir que sou do Ceará no primeiro dia de aula, ainda incomoda. Fiz questão de falar com ela, demorou para ela me reconhecer. Insisti em lembrar que somos colegas de disciplina. Finalmente ofereci a raspadinha, antes já havia dito estar desenvolvendo um trabalho artístico esperando uma resposta positiva, mas ela não aceitou. As caretas e a xenofobia continuarão, provavelmente.



Figura 3. Gleydson Moreira, da performance Paraíba de Sorte, 2019. Raspadinha, 10,5cm x 6,5cm.

Termino a ação e me encaminho para o Coreto para ter relação com a instalação sonora de Mirela Luz. Uma das pessoas que aceitou receber a raspadinha (Figura 3) me vê e diz: — “Olha lá o paraíba” — ele definitivamente não tem sensibilidade para receber o prêmio. Porque não dizer nordestino? Não existe “o paraíba”, só existe o(a) paraibano(a). Não é só a palavra, também acho a forma de dizer desrespeitosa. Gostaria de deixar claro, utilizando as palavras de MEDEIROS (2005, p. 35), que “somos — você, qualquer um, eu — responsáveis por nossas palavras e atos e reconhecidos como seres responsáveis”. Assim, o dito e o não dito, são de nossa responsabilidade e capacidade de desvencilhar-se das armadilhas de nossas heranças.

Segundo MEDEIROS (2017, p. 38), “a arte que fugiu de casa, deixou a escola, foi aprender na rua e deseja ser aberta à participação é iterativa: a proposta (algo posto, précolocado), ao ser ativada, se redimensiona, se re-escreve.” A raspadinha é premiada, mas o prêmio não é para todos. É preciso ser sensível ao mundo para ganhar com a possibilidade de (re)pensar as violências nossas de cada dia. Quero lidar com a xenofobia com poesia. Opto pelo singelo para responder as questões do meu tempo e crio mundos para existir e resistir. Tenho sorte pela oportunidade de entregar um mapa do Nordeste para pessoas no Rio de Janeiro.

Considerações

Distribuo raspadinhas premiadas para contribuir um pouco para criar pequenos mundos sem xenofobia, não quero me acostumar com as coisas que considero erradas e violentas. Tentativa de transferir o constrangimento da vítima para o preconceituoso, fazendo quem acha normal chamar o nordestino de paraíba mudar esse comportamento ou assumir a posição de xenófobo. Já ouvi argumentos de que no Rio de Janeiro é assim mesmo, aprendem a chamar nordestino assim e menosprezar desde criança, mas nenhuma instrução individual ou coletiva autoriza violências. Má conduta pode ser aprendida e desaprendida, costumes e ensinamentos familiares não podem ser usados para justificar o desrespeito. Cabe a cada pessoa discernir sobre os próprios atos e assumir as consequências deles, entregar a raspadinha e me dispor ao encontro de alguma forma é implicar algumas tomadas de consciência. A performance Paraíba de Sorte é uma ação em resposta a anseios pessoais e coletivos. A simplicidade utilizada para ensinar caminhos de e em paz.

Referências

BRASIL, Bianca. **DIVERSIDADE DE FORMAS DE VIDA**. 2011. Disponível em: <http://www2.ib.usp.br/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=60&Itemid=98>. Acesso em: 26 jan. 2020.

CORPOS INFORMÁTICOS (BR). Disponível em: <<https://performatus.net/catalogo-artistas/corpos-informaticos/>>. Acesso em: 13 fev. 2020.

DERRIDA, Jacques. **Espectros de Marx: O estado da dívida, o trabalho do luto e a nova Internacional**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994. Tradução de: Anamaria Skinner.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. p. 88

MEDEIROS, Maria Beatriz de. **Aisthesis: estética, educação e comunidades**. Chapecó: Argos Editora Universitária, 2005.

MEDEIROS, Maria Beatriz de. Sugestões de conceitos para reflexão sobre a arte contemporânea a partir da teoria e prática do Grupo de Pesquisa Corpos Informáticos. **Art Research Journal: Revista de Pesquisa em Arte**, Natal, v. 4, n. 1, p. 33-47, jun. 2017.

OLIVEIRA, Solange Mendes. Os sufixos nominalizadores –ção e –mento. **Estudos Linguísticos, S.i.**, v. 1, n. , p.87-96, abr. 2007. Quadrimestral. Disponível em:

ISSN 2175-8212 – Anais do 29º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas. [recurso eletrônico]. RODRIGUES, Manoela dos Anjos Afonso; ROCHA, Cleomar (Orgs). Goiânia: Anpap, 2020.

<<http://www.gel.hospedagemdesites.ws/estudoslinguisticos/edicoesanteriores/4publica-estudos-2007/sistema06/09.PDF>>. Acesso em: 11 fev. 2020.

RUFFATO, Luiz. **O golpe contra Dilma Rousseff**: O afastamento da presidenta é sem dúvida o capítulo mais vergonhoso da história política brasileira. 2016. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2016/08/31/opinion/1472650538_750062.html>. Acesso em: 13 fev. 2020.

Gleydson Silva Moreira

Doutorando em Artes Visuais na linha de Poéticas Interdisciplinares (PPGAV – UFRJ), Mestrado em Artes (2019) pelo PPGARTES - UFC, MBA em Gestão Cultural (UVA-CE), Bacharelado em Comunicação Social - Publicidade e Propaganda pela UFC e artista visual. Pesquisador ligado ao Laboratório de Investigação em Corpo, Comunicação e Arte - LICCA. Possui experiência na área de Comunicação, Arte e Cultura, com ênfase em Criação Publicitária e Artística e Poéticas Contemporâneas. Contato: gleydsons.moreira@gmail.com.

Maria Luiza (Malu) Fragoso

Doutora (2003) em Multimídia pelo Instituto de Artes da UNICAMP (SP) e Pós-Doutora pela ECA/USP. É professora da Escola de Belas Artes - UFRJ e atualmente pesquisa e orienta na linha de pesquisa Poéticas Interdisciplinares no PPGAV - UFRJ. Coordenadora do grupo REDE - Arte e Tecnologia Redes Transculturais em Multimídia e Telemática, do Grupo A.C.Ho, e do NANO – Núcleo de Arte e Novos Organismos. Seu trabalho como artista é de caráter transdisciplinar nos domínios da arte, ciência, tecnologia e natureza.